

BECKETT, SAMUEL. *TEXTOS PARA NADA*. [TRAD. ELOISA ARAÚJO RIBEIRO]. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2015.

Ulisses Augusto Guimarães MACIEL¹

Textos para nada, de Samuel Beckett, teve sua primeira versão publicada em conjunto com as novelas “O expulso”, “O calmante” e “O fim”, no ano de 1955. Os treze fragmentos marcam o início de uma nova fase do complexo projeto estético beckettiano. Redigidos entre os anos 1950 e 1952, os textos deixam evidente o conflito narrativo que se encontra no impasse entre a escrita e seu silêncio, entre o narrador e o objeto de sua narrativa. Com a tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, publicada pela Cosac Naify, podemos finalmente ler em português essa obra que é um marco na literatura do século XX.

Os textos seguem um modelo narrativo semelhante ao encontrado no romance que encerra a famosa trilogia do pós-guerra, *O inominável*. Em primeira pessoa, o narrador aparenta procurar nas palavras, o vazio de uma voz que diz sem propósito algum. As histórias desintegram-se conforme avançamos com a leitura, e, no final, ficamos com a sensação de estranhamento que alimentará o pensamento em torno da crise narrativa proposta pelo autor irlandês. Como lemos no fragmento número quatro de *Textos para nada*: “Quantas horas mais, antes do próximo si-

¹ Mestre em letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e Professor de língua e literatura inglesa na rede pública municipal de ensino de Serra – mail : ulissesagmaciel@hotmail.com

lêncio, não são horas, não será silêncio, quantas horas mais, até o próximo silêncio?” (BECKETT, 2015, p. 30).

Este esforço em não dizer da obra de Beckett está inevitavelmente associado à escolha da língua francesa como matéria-prima para construção de uma nova forma para sua escrita. Sob a alegação de que seria mais fácil escrever “sem estilo” em francês, Samuel Beckett abre mão de seu idioma natal ao longo de seu período mais produtivo. O inglês só reapareceria em sua fase final com as publicações de *No’sknife*, *Not I*, *That time*, *Company* e outros textos menores.

Em *Textos para nada*, o que se evidencia de imediato é a construção de uma narrativa fragmentada. As memórias seguem de maneira imprecisa, por trajetórias que dialogam com o processo de construção da obra. Os textos aparentam explorar, através de um conjunto de relatos imprecisos, a relação entre a palavra enquanto possibilidade de representação e a palavra como objeto “em si” da produção literária. As tensões criadas por Samuel Beckett, nesses fragmentos, extrapolam qualquer possibilidade de domínio por parte do narrador. Todo o esforço do protagonista em criar um método para suas histórias resultará em algo novo, longe do seu controle. As vozes que ecoam como uma espécie de consciência tornam-se um verdadeiro tormento, uma angústia que se apresenta ao longo de todo o texto, como por exemplo: “Para onde iria, se eu pudesse ir, o que seria se eu pudesse ser, o que diria se tivesse uma voz, quem é que fala assim, dizendo que sou eu? Respondam simplesmente, que alguém responda simplesmente” (BECKETT, 2015, p.19). O narrador fala ininterruptamente sobre sua condição, mas, a cada tentativa, uma frustração por uma articulação que não se realiza – não de forma satisfatória, ao menos. Sempre que tenta afirmar algo, um clima de desconfiança surge, e o narrador não vê outra alternativa a não ser recuar: “Não sei, estou aqui, é só o que sei, e que ainda não sou eu, é com isso que é preciso se virar” (BECKETT, 2015, p. 18). Não há crença no pensamento, na memória, tampouco na linguagem, ferramenta indispensável na composição da história. Nesse sentido, o narrador se confunde com suas palavras, sem que possamos saber ao certo o resultado resulta desse entrelaçamento não marcado pela inconsistência de uma linguagem que não busca fundamentar os acontecimentos.

O enredo surge a partir de lapsos narrativos improváveis. As palavras evaporam tão logo são pronunciadas, dando corpo à indefinição da trama. Como sugere o título da obra, o narrador não acredita em sua própria história; ele não pode acreditar. Em certo nível, o emaranhado do texto é o que dá vida à ficção, e o narrador enquanto personagem parece uma composição que ocorre simultaneamente à história. A interdependência entre o narrador e sua narrativa deixa transparecer, por meio de uma voz angustiada e confusa, o clima de desespero que se sobrepõe a atmosfera caótica vivenciada nos romances de Samuel Beckett. “Tudo é falso, não há ninguém, está entendido, não há nada, às favas as frases, sejamos enganados, enganados pelos tempos, por todos os tempos, esperando que isso passe, que tudo

tenha passado, que as vozes se calem, são apenas vozes, apenas mentiras” (BECKETT, 2015, p. 14).

Diferentemente das histórias contadas por Molloy e Malone, nas quais os leitores, apesar da estranheza, são capazes de seguir certa lógica narrativa, certa coerência, em *Textos para nada*, os traços de uma linearidade tornam-se quase invisíveis, a exemplo do que encontramos em *O inominável*. E nesse clima de incerteza, cada vez mais acentuado, o narrador transita por diversas nuances do comportamento humano. A tristeza, a raiva e a frustração são alguns dos sentimentos que buscam dar ênfase à confusão que encontramos no texto. A narrativa, repleta de contradições, alterna suas perspectivas dentro de um ambiente obscuro que não se limita a criar uma visão degradada de nós mesmos, enquanto algo submetido a um emaranhado de palavras e vozes. O aspecto degradante que encontramos no texto, antes de referir-se a algo para além das palavras, o faz nas próprias palavras. Para Samuel Beckett, ao que nos parece, um texto que trate da decadência do homem deve ele mesmo ser algo decadente.

A escrita do autor irlandês é um ato de rebeldia contra a criação sistemática, contra o artifício que esconde a fragilidade de uma estrutura criativa e imaginativa incapaz de despertar no leitor a desconfiança. Para o escritor, o texto deve partir de um ceticismo radical sobre os fundamentos de nossa percepção da realidade, assim como de nós mesmos. Em momentos cruciais, *Textos para nada* ultrapassa os limites do solipsismo, dando corpo à deformidade que escapa qualquer tentativa de enquadramento ou definição. Essa deformidade está presente não apenas nas palavras que se esforçam em dizer o que se passa de maneira compulsiva, mas também na descrição do personagem que não sabe ao certo sua condição.